

O Grande Hino Cristológico de Efésios

Isaltino Gomes Coelho Filho *

O texto de Efésios 1.3-13 é a maior sentença gramatical da Bíblia. O ponto final aparece no versículo 13 (Bíblia antigas) ou no 14 (Bíblia novas). São 203 palavras no texto grego. Após a saudação habitual em suas cartas, Paulo prorrompe em louvor de maneira tão entusiástica que custa a parar. Encadeia os pensamentos um após o outro e fica até difícil captar o sentido do que ele está a dizer.

Mas não é apenas longo. É um texto riquíssimo este que abre a carta, que é chamada de “rainha das epístolas”. Efésios é onde o gênio de Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, mais fulge. É também onde encontramos o mais alto conceito de igreja na Bíblia. Todas as igrejas deveriam estudá-la com seriedade, para entenderem o que são e para terem uma visão correta do seu propósito neste mundo. Segundo MacKay, em Efésios temos “a essência destilada do cristianismo, o compêndio mais autorizado e completo da nossa fé cristã”. Lloyd-Jones disse que “é difícil falar dela de maneira comedida por causa de sua grandeza e sublimidade”. Coleridge a avaliou como “a composição mais divina da raça humana”. Ela mostra todo o propósito de Deus para a raça. Sintetiza de maneira brilhante o propósito divino para a humanidade, mostrando o que ele espera não apenas da igreja, mas da família e da sociedade.

UM HINO DE LOUVOR

Este brilhante escrito começa com um hino. Não um hino comum, mas um brilhante hino cristológico, repleto de afirmações teológicas de profundidade ímpar. Ele nos mostra que o louvor não precisa ser raso, superficial. Pode trazer grandes ensinamentos. Não é passatempo. Faz parte do processo da pedagogia das verdades cristãs. Embora seja chamado de “hino cristológico”, o texto mostra a harmonia das pessoas da Trindade, trabalhando juntas. No versículo 3 o foco é o Pai. No versículo 5, é o Filho. E no versículo 13, é o Espírito. É um hino que mostra a obra da Trindade. Uma boa pista para nós. Nossos hinos podem e devem ensinar as grandes verdades da fé cristã, e não apenas experiência humana. Devem ser inspirativos (quem negará a

* Nota do Monergismo: Isaltino Gomes Coelho Filho é pastor titular da Igreja Batista do Cambuí, em Campinas-SP (<http://www.ibcambui.org.br/ibc/>). Texto usado com a devida permissão do mesmo.

inspiração de Efésios 1.3-14?), mas devem ser pedagógicos. Cânticos cristãos não podem ser entretenimento. Devem ser ensino e mensagem.

O aspecto do louvor fica bem claro no texto. Há um refrão que surge três vezes: “para o louvor da sua glória” (vv. 6, 12 e 14). O louvor é para a glória de Deus. Quando aprenderemos isto, a diferença entre o importante e o essencial? É importante que o povo de Deus seja edificado, que receba força espiritual no culto, que seja instruído e firmado na sua fé. Mas é essencial que o louvor glorifique a Deus. E, de maneira que não podemos explicar porque é ação exclusiva do Espírito Santo, quando Deus é glorificado, seu povo (seu povo mesmo, e não os aderentes, como a massa que saiu do Egito com Israel e só lhe criou problemas) é edificado e confortado. O crente é fortalecido espiritualmente na mesma proporção em que Deus é glorificado no culto que ele presta. Ponha-se o foco em Deus que ele nos comunica sua graça e seu poder.

BENDITO SEJA O DEUS E PAI DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO – O PAI COMO REFERENCIAL

“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. A primeira palavra é “Bendito”, no grego *εulógetos*, que só se emprega para Deus. Só ele deve ser louvado e bendito. Paulo toma uma antiga oração rabínica que era a segunda bênção ministrada pelo dirigente da sinagoga, antes da recitação do *shemá* (Dt 6.4), e que termina com esta expressão: “Bendito sejas tu, o Senhor que escolheste teu povo Israel no amor”. O texto de Efésios 1.3-4 é quase um eco desta bênção: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... nos elegeu nele... em amor”. Paulo adapta a liturgia da sinagoga para ser a bênção inicial de sua carta. Se, como desejam vários eruditos, Efésios era, na realidade, uma carta circular enviada às igrejas, a questão se torna mais profunda. Paulo está saudando os cristãos com uma bênção da liturgia judaica, cristianizando-a. A expressão está inserida num cântico de louvor. E que riqueza teológica! O trato de Deus agora é com a Igreja. Ela é o povo de Deus. Ela canta sua eleição e os propósitos divinos para ela. Louvor não é mero misticismo, mas uma declaração de que temos um novo relacionamento com Deus.

A modificação tem sentido teológico. A nação era o canal das bênções aos homens. Por isso, seu Deus e Pai devia ser bendito. Jesus Cristo é o novo canal de bênções. “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. A expressão reconhece que é em Cristo que estão as bênções divinas, e que Jesus Cristo é o Senhor. Este é o valor cristológico deste hino. E é para nós uma forte recomendação. Cânticos com teologia sadia expressarão a bondade de Deus em nos abençoar e apregoarão Jesus Cristo como Senhor e como canal de bênções para nós. Muitos de nossos cânticos, principalmente alguns baseados nos salmos, caberiam numa sinagoga. Nada falam da segunda e terceira pessoas da Trindade. Mas nós não somos judeus. Somos cristãos e cantamos Jesus Cristo. Reconheço que não é a simples menção do nome de Jesus que dará conteúdo

cristológico a um cântico. O competente Verner Geier, na metrficação do salmo 142 que nos rendeu o hino 380 do HCC, não colocou lá o nome de Jesus. Mas não é um hino genérico. Verner conseguiu dar um conteúdo cristão ao hino. O que lá está é cristão. Bem diferente de “Quero subir o monte santo de Sião”. O cântico cristão comunica a mensagem cristã e mostra o cuidado divino pelo seu povo, a Igreja.

NO FILHO, PELO FILHO, PARA O FILHO – O FILHO COMO REFERENCIAL

O hino não bendiz o Filho (não há um *eulogias* para ele), mas exalta sua pessoa. O elemento gramatical mais repetido é a preposição grega *en*, correspondente ao nosso “em”, seguida do dativo. Ela vem com o pronome pessoal (“nele”), ou com um nome (“em Cristo”, “no Amado”). A preposição aparece dez vezes, sendo que em nove vezes se aplica a Cristo e em oito à obra mediadora de Cristo. A teologia do hino se centra na pessoa e obra de Cristo e faz dele o referencial teológico.

O hino nos direciona para Cristo no sentido de que nele as bênçãos de Deus foram dadas e transmitidas aos fiéis. Pela união com o Filho passamos a pertencer ao Pai (v. 4). Ele nos tornou seus filhos em Cristo (v. 5). A morte de Cristo na cruz nos trouxe o perdão dos pecados (v. 7). No tempo certo, o Pai unirá todas as coisas, no céu e na terra, sob a autoridade de Cristo. A morte de Cristo na cruz é o eixo da argumentação. Basta ver que fica quase no meio da argumentação (v. 7) e que se torna o referencial argumentativo do apóstolo.

O culto cristão precisa ter uma forte ênfase cristológica. Como professor de Antigo Testamento e Homilética por mais de três décadas, este autor tem uma tendência a pregar no Antigo Testamento. Evita cristianizar o texto veterotestamentário, a não ser que este seja messiânico. Mas reconhece que mesmo pregado no Antigo Testamento, um sermão cristão tem que culminar na pessoa e obra de Cristo. A recomendação paulina “Nós pregamos a Cristo crucificado” (embora ele pregasse muitos outros temas) deve ter uma correspondente para músicos cristãos: “Nós cantamos o Cristo crucificado”. Não podemos esquecer de cantar a cruz de Jesus Cristo! O Cristo crucificado é o canal de bênçãos para o mundo.

UM HINO DE FÉ PESSOAL E DE TESTEMUNHO – AS TRÊS GRANDES SEÇÕES DO TEXTO

Os verbos, neste texto, estão no indicativo, com uma variação de sujeitos. São três seções, como o canadense Gourgues bem apontou:

A primeira seção está nos versículos 3 a 6, onde os verbos (“ele nos escolheu”, v. 4, e “ele nos deu”, v. 6) se referem a Deus. Esta seção se chama ELE.

A segunda seção está nos versículos 7 a 12, onde os verbos (“temos”, v. 7, e “sermos” e “havíamos”, v. 12) se referem aos cristãos. Esta seção se chama NÓS.

A terceira seção está nos versículos 13 e 14, mais breve que as anteriores. A idéia central é “fostes selados” (v. 13). Esta seção se chama VÓS.

Ele, nós e vós são os sujeitos de cada seção. E cada um delas termina com a expressão “para o louvor da sua glória”. O que está sendo dito é fácil de compreender. Ele age para sua glória. Nós existimos para sua glória. Ele age na vida de todos, o nós e o vós, para a sua glória. Citando Gourgues: “Esta formulação se liga àqueles convites para bendizer e louvar Iahweh os quais se encontram no Antigo Testamento, nas passagens narrativas das intervenções e maravilhas de Deus”. Os efésios são chamados, e nós com eles, a louvar a Deus pelos seus atos em favor dos homens. É um testemunho de seu poder que opera por nós. A glória é para ele. Mais à frente, o apóstolo dirá num momento também de louvor: “Ora, àquele que é poderoso para fazer muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse seja glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém” (Ef 3.19-20).

O louvor em Efésios é pelo poder de Deus que opera pelo seu povo. Por aquilo que ele fez por nós. Tudo na igreja, e deve ser assim muito mais no culto, deve ser para o louvor da glória de Deus. Que sua glória brilhe, e não a dos homens!

CONCLUSÃO

O grande hino cristológico de Efésios não pode ser esgotado em um estudo. A ele voltaremos na próxima edição da revista, vendo seu conteúdo. É importante que isto seja feito, para podermos saber o que os primeiros cristãos cantavam. Mas hoje já podemos ver algumas questões. Cantamos que somos o povo de Deus, que ele tem um propósito para nós, que ele e só ele deve ser bendito, que Jesus Cristo é o canal de bênçãos para este mundo. Que tudo que fazemos é para o louvor da sua glória. Por tudo isto, que não haja estrelismo nem banalidade no nosso culto. Ele deve ser uma profunda reflexão sobre o agir de Deus em seu propósito eterno. Ele tem um plano para o mundo. Nós, sua Igreja, fazemos parte deste propósito e por isso o louvamos.

Nossos cultos precisam ter uma visão do atacado, não apenas do varejo. Não é apenas o que Deus faz por mim, mas o que Deus faz em nível histórico, ao longo dos tempos, conduzindo tudo para submissão a Cristo. A Igreja celebra esta verdade: a história está nas mãos de Deus e ela serve a este Deus poderoso que engendrou seu plano “antes da fundação do mundo” (1.4). Que maravilha servir e adorar a este Deus!

PARTE 2

Continuamos considerando o texto de Efésios 1.3-14, estudado no número anterior. Naquele artigo consideramos aspectos lingüísticos e de estrutura do hino paulino. Hoje vamos analisá-lo por dois ângulos. O primeiro é sua perspectiva teológica, com uma visão trinitariana. É o que os teólogos chamam de “economia da Trindade”. O outro é o das bênçãos que temos em Cristo.

UMA VISÃO TRINITARIANA DO HINO CRISTOLÓGICO DE EFÉSIOS

As três pessoas da Trindade aparecem no texto. O Pai aparece nos versículos 3-6. O Filho, nos versículos 7-10, e o Espírito, nos versículos 13-14. Isto não é mera curiosidade textual ou diletantismo teológico. A fé cristã não é unitariana nem coloca uma das pessoas da Trindade sobre as demais. Já ouvi corinhos em que o Espírito era mostrado apenas como o “poder de Deus”, uma energia, uma coisa, não uma pessoa. Nossa fé é trinitariana, como o hino 8 do HCC tão bem nos ensina. Aliás, muitos dos hinos do passado eram ensinamentos teológicos, com doutrina bem fundamentada. Muitos dos cânticos atuais são experientialismo puro, exaltação de sentimentos e valorização de sensações. Cuidado com isso. Poderemos ter uma igreja sentimentalóide, mas vazia em seu credo.

Evitemos também compartimentalizar as pessoas da Trindade, em aspectos tão estanques que elas parecem nada ter a ver uma com a outra. Fica-se com uma Divindade esquizofrênica, em conflito entre si.

NÃO CANTEMOS O APLACACIONISMO!

Nesta visão trinitariana, devemos evitar a heresia do aplacacionismo, segundo o qual o Filho veio para aplacar a cólera de um Pai iracundo, e opõe as duas pessoas. O Novo Testamento não diz que o Filho nos reconciliou com o Pai, mas que o Pai nos reconciliou consigo por Cristo (2Co 5.18-19). O Pai é o mentor da salvação. Ela nasceu em seu coração, na eternidade (v. 4). Não se pode passar a imagem de que o Pai condena e o Filho vem para se opor ao Pai e nos salvar. Não é como nos filmes americanos, “o policial mau e o policial bonzinho”. A Trindade é boa. Toda ela. O Pai ama, o Filho ama, o Espírito Santo ama. A igreja deve cantar uma Trindade harmônica, que ama o homem. Muitos cânticos mostram um Pai santo, exigente, e um Jesus meloso, bondoso, que aceita tudo. Cuidado com o Jesus que diz “Venha como está” ou “Venho como estou”. Pode vir como está, mas não para ficar como está. “Vai-te, e não peques mais”, disse Jesus (Jo 8.11). É para ser santo, pois para isto fomos eleitos (v. 4). Não podemos conflitar os atributos de Deus, menos

ainda as pessoas da Trindade, em nosso louvor. Nem pensar que uma condena o pecado e a outra passa a mão na cabeça do pecador.

O FILHO NO CÂNTICO

O Filho nos redime do tirano, que não é o Pai, mas o pecado (v. 7). O que foi feito do pecado em nossos cânticos? Parece se exaltar um evangelho psicológico, que faz a pessoa se encontrar existencialmente, ter sentido na vida, ser feliz. Mas e o poder do pecado, seu perigo sobre os crentes? Ele sumiu das pregações e dos cânticos. De um lado, pelo triunfalismo, em cânticos ingênuos mostrando uma vitória sobre o Diabo, ignorando a tensão da vida cristã entre o *já* e o *ainda não*. Há aspectos que *já* se concretizaram, mas outros *ainda não*. Simplifiquemos: a igreja ainda é militante, e não triunfante, em glória. A salvação ainda não chegou ao estágio da glorificação, que alguns cantam como já presente. Do outro lado, um evangelho mais voltado para o cotidiano, muito imanente, pouco transcendente. Está se cantando muito o aqui e o agora, e pouco o metafísico. Um evangelho que atende nossas necessidades psicológicas e emocionais (o sentir-se bem) e não seu aspecto transcendente (perdão dos pecados e libertação do poder do mal). Cuidado para não humanizar tanto o evangelho que ele passe a ser auto-ajuda.

Pelo Filho conhecemos o “mistério” (v. 8). Paulo bate de frente com os gnósticos, que diziam “temos a chave para compreender o mundo”. Paulo mostra que o mistério para entender o mundo é Jesus. Cuidado com o Cristo esotérico, intimista, tão internalizado, que passa a ser um sentimento. Cristo é a chave para se entender o mundo. Nossos cânticos devem mostrar que nós entendemos o mundo pelo evangelho, que Jesus é a resposta divina às mazelas do pecado. Devemos evitar o esoterês evangélico, que vai se tornando comum em nosso meio.

O ESPÍRITO NO CÂNTICO

A igreja canta o Espírito. Ele sela a eleição (v. 13). A raça humana estava dividida entre judeus e gentios e Deus fez deles um só povo. E deu o Espírito a todos (a igreja deve cantar a universalidade do Espírito) para selá-los em uma nova humanidade. O Espírito não é uma força, nem energia, nem o poder de Deus. É uma pessoa. Alguns de nossos corinhos parecem apontar para o Espírito como se fosse um fio desencapado, dando choque nas pessoas. Ele vem para eletrizar o culto, nesta visão distorcida. Ele é a prova de que a igreja é igreja. Ele une a igreja, não a divide. Aliás, quem a divide não tem o Espírito (Jd, 19).

O Espírito mantém a igreja unida. Infelizmente, muita carnalidade e vaidade se disfarçam de “louvor” ou de “defesa da pureza da fé”, e divide as igrejas. O Pai nos fez um pelo Espírito. Está errada a letra do hino 564 HCC,

pedindo que o Pai nos faça um. Ele já nos fez. Nós é que quebramos a unidade, mas ela foi feita na cruz, e é aplicada pelo Espírito.

O Pai tem sido injustiçado em muitas pregações e cânticos evangelísticos. É uma parte destrambelhada da Trindade. O Filho tem recebido uma visão distorcida, como a parte da Trindade bem sentimental, edulcorada. Mas com o Espírito é pior: ele tem sido rebaixado a mera energia. A Trindade trabalha em harmonia. Os novos compositores fariam bem em ler um pouco sobre a Trindade e examinar os “ultrapassados” hinos trinitarianos do CC e do HCC.

Respeitosamente: compositores, procurem uma orientação teológica. Não ensinem o povo a cantar errado. Doutrina não é irrelevante. Sem ela saímos do aspecto real da fé e caímos em sentimentalismo, quando não em erro.

O ASPECTO DAS BÊNÇÃOS QUE TEMOS EM CRISTO

O texto paulino lista as bênçãos de Deus para os cristãos. Temos pensado em bênçãos em termos materiais. Mas Paulo lista aqui as maiores bênçãos que o ser humano pode ter: eleição e predestinação (vv. 4, 5 e 11), redenção e remissão (v. 7) e significado correto da vida (v. 14).

O verbo grego para “predestinar” é *prooriso*, “marcar antes”. Não se trata de arbitrariedade, mas de segurança. Nossos cânticos devem refletir a segurança de que a salvação não é intempestiva. Nem somos os cachorrinhos que recolhem as migalhas caídas da mesa. Alguns parecem pensar que quando Israel rejeitou Jesus, Deus ficou meio perdido: “Ora, com essa eu não contava!” e se voltou para os gentios e formou a igreja. Assim, somos herdeiros do restolho. A igreja deve nutrir esta fé e cantá-la com vigor: ela não é acidente. Ela existe no coração de Deus desde a eternidade. Deve cantar com júbilo por ser igreja. Todas as vezes que canto o hino 504 do HCC, “Da igreja o fundamento”, eu me comovo. Chego a chorar. Que alegria! Eu sou igreja de Jesus, ele me escolheu na eternidade e está trabalhando minha pedra bruta para me tornar uma pedra viva, que glorificará o nome de Jesus! Nossa fé deve ser cantada lembrando que fomos escolhidos e que Deus está trabalhando em nós.

Redenção e remissão (v. 7) são termos muitos parecidos. Completam a idéia de comprar e de soltar. Devemos cantar nossa liberdade do poder do pecado (Jo 8.34,36) e o fato de que fomos tornados livres em Cristo. Nossos cânticos devem enfatizar que não somos mais escravos, mas filhos (v. 5). Nosso culto deve expressar esta profunda convicção: “Amados, filhos somos já de Deus...” (364 CC). Mas isto não é por bondade nem pelo louvor. Aliás, cuidado, o louvor tem se tornado “a quarta pessoa da trindade”. Ele não nos torna aceitáveis diante de Deus. Não é o que fazemos, mas o que ele fez. Somos filhos, sim, devemos cantar. Mas revelemos o preço: “pelo seu sangue”

(v. 7). Cuidado com o louvor caimita, de frutos da terra. O louvor deve expressar que somos aceitos por causa do sangue de Cristo. A morte vicária de Cristo não pode ser escondida nem subdimensionada. É por ela que nos vêm as bênçãos de Deus. É por causa dela que cultuamos.

POR QUE TUDO ISTO?

“Para o louvor da sua glória” (vv. 6, 12 e 14). É para glória de Deus. Eis mais uma bênção. O sentido de tudo isto: passamos a viver com significado, para a glória de Deus. Os cânticos modernos têm sido muito antropocêntricos e alguns refletem esta concepção “Deus faz coisas para mim, Deus é para mim”. Ele já fez. A salvação é “Eu para Deus, eu devo glorificá-lo”. Nossa vida passa a ser em função dele, não apenas o louvor, mas a vida. A psicologização do evangelho junto com o enfoque antropocêntrico põem o foco no homem e em suas necessidades. Temos necessidades que só Deus pode suprir, mas devemos lembrar que existimos para ele. “Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Rm 11.36). Cuidado com cultos que glorificam pessoas. Tudo é para glória de Deus e esta glória não pode ser confundida com nosso sentimento. Quanto menos aparecemos e quanto mais sua pessoa e seus atributos aparecem, mais a glória divina foi apresentada.

CONCLUSÃO

Muitas mais verdades poderiam ser mostradas neste cântico, mas a exigüidade do espaço nos limita. Recomendamos ao leitor que releia o estudo passado, após ter lido este. E reflita seriamente, lendo algumas vezes o cântico cristológico e trinitariano de Efésios 1.3-14. E que pense: Deus é mesmo glorificado em nossos cultos? Quem é a platéia, ele ou pessoas a quem queremos agradar?

Tudo para a Trindade bendita. Que ela seja louvada!